

Carta de Pedro Vaz Caminha sobre  
o descobrimento da Terra Nova  
fez Pedro Alves. Feita na Ilha da  
Cruz em 14 de Maio de

1500 Gaveta 2ª

Maco 2º — N.º 8.



Aqui esta junta e copia para  
melhor intelligencia deste original

#CONQUISTANOESTUDO ▪ SEMANA17 ▪ ETAPA2

ENSINO MÉDIO ▪ 1ª SÉRIE

HISTÓRIA

Neste Guia, você vai estudar o imaginário europeu sobre a escravidão

Pág. 81 à 84 do Volume 6

Prof. Rogério Cunha

## Os europeus na bolha etnocêntrica

Conforme vimos em vários materiais, o pensamento europeu das épocas medieval, moderna e até boa parte do século XIX foi permeado pelo etnocentrismo. Foi frequente o juízo de valor e a depreciação entre os europeus ao analisarem outras culturas e práticas sociais.

Basicamente recorriam ao exotismo para explicar aspectos das culturas que foram consideradas inferiores. A partir da formulação de estereotipadas, buscavam dar um sentido plausível “ao outro” desde os seus próprios filtros culturais. A visão dos europeus acerca do “outro” impactou na representação feita sobre o modo de vida, a cultura e as instituições dos povos coloniais. No material de hoje vamos destacar a forma como a escravidão era representada pelo pensamento europeu.

## A Igreja e a formulação das bases teológicas que justificavam a escravidão

Você certamente já ouviu a história bíblica de Noé. Trata-se do personagem que recebeu o chamamento de Deus para construir uma arca para se proteger do dilúvio.

Noé, após construir a arca, deveria separar um casal de cada espécie animal para protegê-los do dilúvio e assegurar o novo repovoamento do mundo.

Todavia, não são tão famosas as histórias envolvendo os filhos de Noé. O mais jovem deles era Cam. É sobre ele que falaremos aqui. Acompanhe a seguir um trecho da coluna do jornalista Hélio Schwartsman em que aborda a “maldição de Cam”.

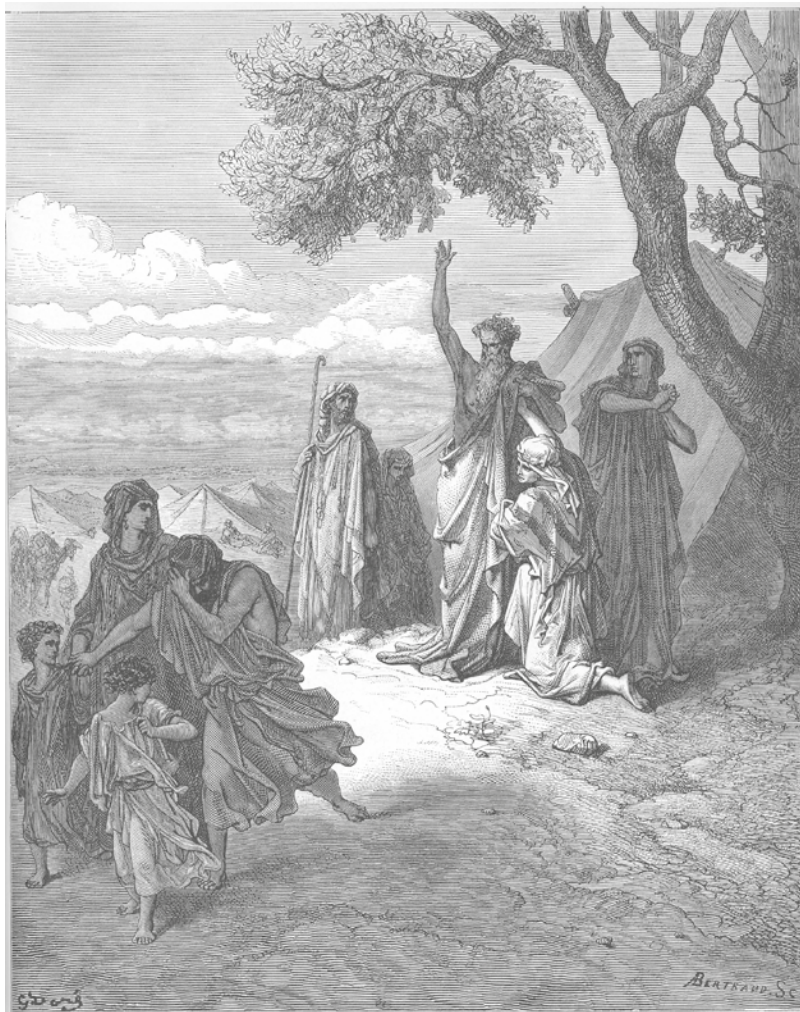
Cam, filho mais novo de Noé, encontrou o pai embriagado e desacordado, mas, em vez de guardar pudor e cobrir o ancião, foi logo contar o sucedido aos irmãos. Por isso, o construtor da arca amaldiçoou não exatamente Cam, mas seu filho Canaã.

No livro "A Maldição de Cam" (disponível só em inglês), David Goldenberg indica, de forma convincente, que o sentido original do texto bíblico não apresentava nenhum viés contra negros. Na obra, que é deliciosamente erudita, fazendo-nos saltar da literatura rabínica para o Alcorão, passando por lições de filologia hebraica e sermões de pastores do sul dos EUA, Goldenberg mostra que é a partir do início da Era Cristã, quando a proporção de escravos oriundos da África subsaariana coloca os negros em maior evidência, que a maldição vai ganhando interpretações mais racistas, que incluem até a fabricação de etimologias falsas ("Cam" significaria "queimado", "negro").

Quando chegamos ao ápice desse movimento, entre os escravagistas do sul dos EUA no século 19, aí sim passa a ser dado como "fato" que Deus lançou uma maldição sobre os africanos.

SCHWARTSMAN, Hélio. "A maldição de Cam".

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/1255706-a-maldicao-de-cam.shtml?origin=folha>. Acesso em: 03 set. 2020.



©Wikimedia Commons/Gustavo Doré

“Noé amaldiçoando Cam e Canaã”, por Gustave Doré

## O uso da simbologia na justificativa da escravidão

A cor branca esteve associada na simbologia europeia à luz do dia, à inocência, à pureza, enquanto a cor preta representava a noite, o pecado e os demônios.

As diferenças fenotípicas – como nariz alargado e lábios protuberantes – levaram gerações de intelectuais etnocentristas, num racismo científico, a caracterizarem os negros como seres situados entre os humanos e os animais.

A própria cor da pele, por vezes, foi apontada como uma doença ou aberração, o que alimentava o discurso de superioridade racial branca.

## Refletindo sobre o pensamento europeu acerca da escravidão

O pensamento europeu da época (século XVI) alimentava-se na Bíblia, na doutrina da Igreja e na Antiguidade greco-romana. Nos Antigo e Novo Testamentos, a escravidão aparece como um fato natural: não é justificada nem condenada. [...] Doutores da Igreja, e dos mais ilustres, procuram explicar e justificar a escravidão. Santo Agostinho tinha-a como consequência do pecado [...].

Excluídos alguns sofistas, cínicos e estóicos, os autores gregos e latinos não fizeram maiores reparos à escravatura nem a ela se opuseram como instituição. E até dos mais críticos, como Sêneca, possuíram escravos. [...] Por tudo isso, quando nos situamos intelectualmente no século XVI, não devemos nos surpreender com a postura de Lutero, ao considerar que o reino deste mundo não se sustentaria sem homens livres e escravos, nem estranhar que Thomas Morus mantivesse a escravidão como necessária à sua Utopia, nem que Erasmo silenciasse sobre o assunto, nem ainda que, já nos Seiscentos (século XVII), Descartes, Pascal e Spinoza não emitissem uma só palavra contra ela. John Locke qualificou-a de vil e miserável, mas não só a teve por útil à ordem social, como também foi acionista da Royal African Company, que se dedicava ao comércio de negros.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 855-856.



## EXERCÍCIOS

- 1.** Reflita: de que forma o etnocentrismo contribui para a gestação de preconceitos sociais?
- 2.** Pesquise: o que é uma representação?
- 3.** Uma das formas de disseminar práticas racistas consistia em expressões de uso cotidiano – muitas delas que permanecem em uso até hoje. Nesse sentido, pesquise o significado das expressões “criado mudo”, “denegrir” e “da cor do pecado”.

Acesse o link abaixo para aprofundar seus conhecimentos sobre o conceito de etnocentrismo.

## **Etnocentrismo**

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>